

MODESTO ANTÔNIO DE PAIVA

Em *A Patria Mineira*, 9 de setembro de 1892.

- Resenha não assinada.

Ao mesmo tempo que recebiamos pelo correio a delicada remessa do 2º volume das “Sensaborias Metricas” ou “Versos Piégas” do illustre poeta barbacenense, rvm. padre mestre José Joaquim Corrêa de Almeida, o também illustre poeta sanjoanense Modesto de Paiva vinha ao nosso escriptorio graciosamente offercer-nos um exemplar das suas “Noites de Insomnia”.

Agradecendo aos autores a gentileza da offerta, tomamos a ousadia de externar sobre seus trabalhos nossa humilde opinião. (...)

Passemos agora ás “Noites de Insomnia”, de genero diametralmente opposto ao das “Sensaborias”. Acusar Modesto de Paiva de pieguismo attrazado, chôcho e de lyrismo choramingas á Casimiro de Abreu, só o fará quem fôr falto de senso. Modesto canta o que sente, e suas poesias compediam todos os sentimentos de uma alma inspirada: — sua lyra decanta a formosura da mulher amada, e ao mesmo tempo que psalmedia em extase religioso, entoa hymnos ás bellezas e ao progresso da terra natal: — eis, em resumo, o que são as “Noites de Insomnia”.

Que quereis mais? Elle mesmo o diz: — “é o sabiá que canta na cidade”, a hora de crepusculo, saudades dos tempos que já vão longe; e si ás melodias queixosas juntam-se alegrias e cantos joviaes, é que o poeta sabe amar e tem esperanças no porvir.

Não é o menestrel mediévo, de arrabil em punho, a cantar lôas, somnolentemente sob o balcão das castellãs formosas; nem é o bardo das virgens das balladas...

Modesto canta o enlevo da paixão da mulher amada: — é romantismo; mas, pergunta elle, “haverá amor sem romantismo?”

E este romantismo se manifesta em versos harmonicos, de um lyrismo suave, que encanta e extasia.

E não póde elle agradecer aos sectarios da moderna escola, é certo; estes falam de amor em versos fortes, cheios, campanudos, de rimas forçadas, neologismos etc.: — é o mesmo que um namorado que, desejando abrandar o bronzeo coração de sua predilecta, em vez de escolher os doces sons de melodiosa flauta, preferisse os rufos do tambor.

Que o livro esteja perfeito em tudo, é exigir demasiado. E podemos sem duvida affirmar, em parodia a um poeta paulista, que Modesto de Paiva sabe “dar alma ao verso e coração á rima”.

Prospera carreira e saliente posição no mundo das letras, é o que almejamos para dous livros e felicidades aos seus autores, ficamos ao mesmo tempo á espera de novas produções de igual quilate.

81) 19" P149.7

S-8
E-A
P-4
V. 108

R 869.0(8) "J9" P 149.7
P 149 m
1892

NOITES DE INSOMNIA

José Vicente de Aguiar.





NOITES DE INSONMIA

VERSOS

DE

MODESTO ANTONIO DE PAIVA

COM A NOTICIA BIOGRAPHICA

PELO DOUTOR

Lafayette de Toledo

José Vicente de Aguiar.

RIO DE JANEIRO

1882

INDICE

Preambulo	7
A...	15
A' S. João d'El-Rey	17
A Nova Escola	20
Tu e'Eu.	22
Queixumes	24
Tempestade na Praia	27
No Campo	29
Morena e Pallida	32
Onde ella morava	34
Protesto	37
O Redivivo	39
Na Walsa	42
Previdencia	44
Tardes de Setembro	46

II

Vacillação	49
O Actor	51
Desillusão	53
Tiradentes	55
No Theatro	56
O dia da partida	60
Tres vezes	62
Angelina	63
A morte de Eponina	66
No Golgotha	70
Pagina intima	72
A Cêga	75
Em extase	77
A entrevista	79
Impaciencia	83
No baile	85
A Trança	87
A Jorge Rodrigues	89
A Julieta dos Santos	93
Crepusculo	95
Duas épocas	98
O casamento do Padre Pontes	100
Corrida de moças	103
O Lyrio e a Cruz	105
Diante de uma hospedaria	109
O Sabiã	111
O Viuvo	113
Madrigal	115
Ida e volta	117

No Lago	119
Branca de Cordova	123
Sete de Setembro	125
No album	127
A prematura morte	129
Marion Andrée	131
Poetomania	133
A sombra do Enforcado	135
No album de um moço	141
A Costureira	143
A Casinha da Serra	146
Fanny	148
Soneto	151
A' morte de Jorge Rodrigues	153
Romance de um moço pobre	155
Victor Hugo	157
Simite Parvulus...	159
Hospede illustre	161
Flôr pendida	163
Em seu album	165
No Ermo	167
Antigamente...	169
A' morte de um anjo	171
Dites-lui	173
Ao autor das <i>Fugitivos</i>	175
Virgem trahida	178
A' Santa Thereza de Jesus	180
A' Nossa Senhora da Gloria	184
A uma actriz ingenua	186



A . . .

Estas *Noites de Insomnia* em grande parte
Devo-as a tí, minha gentil Maria,
Pois nosso amor não foi, deves lembrar-te,
Passageira illusão ou flôr de um dia.

Oh! que não foi! Os annos já passaram
Mas bem lembrado estou quanto luctei,
Quando os teus contra mim se conspiraram...
Só tu não eras contra mim, bem sei.

Por ti, por teu amor tudo soffria
Contrariedades mil, tratos diversos,
E na manhã seguinte eu traduzia
O meu tormento e a minha dôr em versos.

Eis a vantagem unica do poeta,
Eis o que o torna menos infeliz,
Pois em linguagem franca, mas discreta
Aquillo que a alma sente a lyra o diz.

Terna escutando as minhas monodias,
Choraste muita vez como insensata,
Ou quando na mudez da noite ouvias
A voz de meu violão na serenata.

Como arrancar do coração, da mente,
Estas scenas da vida tão reaes. . .
Quando a lembrança fica eternamente,
Quando a saudade não se extingue mais ! ?

Nem tu me queiras mal por declarar-te,
Nem vejo nisto a minima ousadia :
— Que estas *Noites de Insomnia* em grande parte
Devo-as a ti, minha gentil Maria.



A' S. JOÃO D'EL-REI

(Inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas)

Quem desdenha de ti, mente sem brio,
ou nunca viu teus prados e teus montes,
ou nunca ao pôr do sol de ameno estio
viu franjas de ouro e rosa os horisontes.

THOMAZ RIBEIRO.

I

Ditosa cidade, princeza de Minas,
Meu berço adorado, meu lar infantil !
— Formosa odalisca que jaz reclinada
Do velho Lenheiro na encosta gentil.

Qualquer viandante que avista teus montes
Teus prados floridos, teu céu tão azul,
Deseja um momento dormir em teus braços,
O' languida filha dos campos do sul.

Pareces ao longe gentil pastorinha
Deitada na relva contente e feliz;
Ou antes estatua de fino alabastro
Tombada na alfombra de verde matiz.

Ao tepido aroma das tuas campinas,
Aos doces effluvios dos teus laranjaes...
Ao terno gorgueio das aves do bosque
Ao echo das fontes de puros crystaes...

Ao som mavioso de tanta harmonia...
E' bello em teu seio viver e sonhar:
Ouvindo alta noite canções, serenatas,
Dos moços que passam cantando ao luar.

Sultana dos risos, do amor e das festas,
Jardim primoroso de immenso folgar
Quando ouço chamar-te — PRINCEZA DE MINAS —
Eu sinto de orgulho meu peito pulsar!

II

Ennastrem teus muros festões e grinaldas,
Gentis galhardetes fluctuem nos ares,
E, pelas quebradas do altivo Lenheiro,
Retumbem hosannas e alegres cantares!

Tremulem nas praças pendões auri-verdes,
De palmas e flôres se alastre o teu chão :
O' tu que tens hoje a palavra — PROGRESSO —
Escripta nas dobras do teu pavilhão.

Exulta, ó cidade, que em teus horisontes
Despontam agora mais lindas manhãs :
E o feito assombroso da Estrada de Oéste
Te aponta a vanguarda das tuas irmãs.

Avante ! que o grito da locomotiva
Já trôa nos ares e a terra tremeu !
Bem haja este dia em que a mão do Progresso
Em paginas d'oiro teu nome escreveu !

.
.
.



A NOVA ESCOLA

A JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE

Querem tirar do verso o sentimentalismo,
Torcer as leis do amor, da natureza, enfim,
Mas eu que não admitto a poesia assim,
Não posso acompanhar o estulto modernismo.

Ou seja contumacia, ou erro, ou pyrrhonismo,
Não ousou contestar, e até direi que sim ;
Mas não concordo que haja, ao menos quanto a mim,
Poesia sem amor e amor sem romantismo.

Si não é natural, nem justo que se espere
De quem foi monarchista um bom republicano,
Mal haja o trovador que a novo estylo adhere.

Sem nunca me afastar da norma que adoptei,
Actor da escola antiga, eu sou qual João Caetano,
Pois morro no papel do drama em que estreei.



TU E EU

Não sei porque não creio e não confio
No teu amor, formosa moreninha;
Tu tens o peito enregelado e frio.
Não póde essa alma se casar co'a minha.

Eu — sinto a chamma de um amor vehemente,
Fôrmo um contraste diametral contigo;
E si pensamos tão diversamente
Não podes nunca viver bem commigo.

Si te offendi, perdoa-me, creança,
Mas a franqueza é o meu maior defeito:
Si houver, mais tarde, em nós qualquer mudança
Fallaremos então a tal respeito.



QUEIXUMES

A F. REZENDE

Quando estivemos mal por alguns mezes,
Que noites longas e crueis as minhas !
— As nossas affeições fogem ás vezes,
Fogem, mas voltam como as andorinhas.

Nem eu nem ella temos a hombridade
De proclamar a nossa independencia :
Quasi morremos ambos de saudade
Quando si torna muito longa a ausencia.

Ha tantas flôres no vergel, no prado,
Ha neste mundo tanta virgem bella ;
Porém no gesto airoso e requebrado
Não ha quem possa competir com ella.

Quando entre as multidões sorrindo passa
Gentil, faceira, altiva e magestosa...
A mocidade inteira lhe faz praça
E todo o mundo diz : — Como é formosa !

Eu sinto-me orgulhoso e satisfeito,
Meu coração de jubilo palpita...
Mas um ciume atroz me rala o peito
Ouvindo alguém dizer que ella é bonita.

E' que a lembrança de um rival me assusta,
E' que o receio de a perder me mata ;
E ella zombando desta idéa justa,
Dispara a rir de mim como insensata !

Eis a razão da nossa desavença,
De parte á parte ha zelos infernaes !
Mas, para mim, a sua culpa immensa
E' ser formosa só e... nada mais !

E si assim é... não mais para o futuro
Haja entre nós a minima querela ;
Eu pelo menos francamente juro
Que nunca mais duvidarei com ella.



TEMPESTADE NA PRAIA

E' noite ! o vento sibila,
A tempestade esbraveja,
De quando em quando troveja,
Estala o raio e fuzila.

Nem uma estrella scintilla
No plumbeo céo que negreja,
Enerme enchente rouqueja
Na praia immensa de argilla.

Mas... de repente esmorece
A tempestade e apparece
A luz da lua nos ceus.

— Nesta mudança sensível
Vejo o teu braço invisível
Teu grande poder, meu Deus.



NO CAMPO

Ici, loin du monde on oublie
Ses intrigues et ses vanités ;
Le cœur adore et s'humilie
Comme au seuil de l'Éternité !

(...)

Dos campos o perfume, a amenidade,
 Como é bom respirar !
E longe do bulício da cidade
 A vida se passar !

Que bella e suavissima existencia
Se vive na soidão !
Quando se traz tranquilla a consciencia
E a paz no coração !

E' doce no silencio das campinas
Sosinho meditar ;
Sentindo o cheiro agreste das boninas
Embalsamando o ar !

Ouvir os sabiás, ao tom da aragem,
Seus hymnos modular,
E as cigarras do estio, entre a folhagem,
Cantando sem cessar.

Aos echos da ruidosa cachoeira,
Que lá desce a gemer . . .
Ver o gado que pasta na ribeira
Na encosta adormecer.

Escutar-se da brisa e do favonio
O languido rumor,
A cantiga selvagem do camponio
E a voz do lenhador.

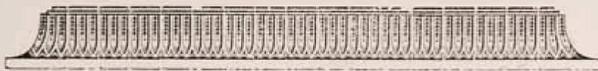
Ver, subito, da moita erguer-se um bando
De pombas juritys,
Com medo da matilha farejando
O rasto da perdiz.

E quando o sol descamba e se annuncia
Da noite a cerração...
Rezar o camponez a — *Ace Maria* —
Com santa devoção !

Eis as scenas do campo ! Que magia !
Que placido viver !
Desde que no horisonte surge o dia
Até o anoitecer.

Distante da cidade vive o homem
Isento de paixões ;
Dos odios, das vaidades que consommem
Os nossos corações !

Oh ! Deus queira da minha mocidade
Os dias prolongar ! ...
Que na paz, no socego de uma herdade,
Heide a vida findar !



MORENA E PALLIDA

Não sou poeta, eu sei, e tenho pena !
Pois sempre que me é dado contemplar-te
Desejo em lindos versos decantar-te,
O' minha bella e pallida morena .

Porém um crime enorme te condemna
E faz com que jámais eu possa amar-te :
Possues da ingratição o dom e a arte,
Tens o genio voluvel da phalena.

E quanto mais formosa, mais ingrata !
Eis ahí o que dóe, eis o que mata
Um pobre coração que soffrê e pena !

Si algum dia tu fôres mais constante ..
Serei teu namorado e teu amante,
O' minha bella e pallida morena !





ONDE ELLA MORAVA

A GASTÃO DA CUNHA

... O vous, qui que vous soyez, mortelle ou déesse, quoique a vous voir, on ne puisse vous prendre que pour une divinité...

FENELON.

Ella morava em uma casa agreste...
Isolada no meio da campina;
Mimosa trepadeira azul-celeste .
Cobria a habitação tosca e divina.

Era um lyrio alvejando na espessura
Ou na virente balsa dos canteiros--
A formosa casinha —entre a verdura—
Edificada á sombra dos coqueiros.

Respirava-se ali um cheiro brando...
De rosas, de jasmims, de rosmaninhos,
E, sobre o laranjal de quando em quando
Trinavam doudamente os passarinhos.

Debaixo das latadas... alguns bancos,
Carramanchões de uma hera florescente;
E, a pequena distancia... uns cysnes brancos
Banhavam-se nas aguas da torrente.

Ella cantava, ás horas do sól posto,
Uma alegre canção... regando as flôres :
Depois... ia scismar —a mão no rosto...
Como quem recordava alguns amores.

A pastora gentil... de saia curta...
Não me via — e julgava estar sosinha :
— Eu era o caçador, por entre a murta...
Acompanhando os passos da rolinha.

Quando o vento passava e sacudia
Os ramos do frondoso jasmineiro...
De susto a linda moça estremecia,
— Como a gaivota ao sopro do pampeiro

.....

Eu disse, contemplando essa morada...
De paz, de amor, de encanto e de harmonia :
« Ou é a habitação de alguma fada,
« Ou mora aqui a deusa da poesia !



PROTESTO

Podeis impor ao vosso sentimento,
Dar leis até ao vosso coração
Viver sem ter na vida uma illusão,
Sem ter de amor um leve pensamento.

Podeis assoberbar o soffrimento,
Banir de vosso seio uma emoção ;
Concordo : — tudo está em vossa mão,
E proseguir podeis no vosso intento.

Si por ninguém palpita o vosso peito
E' justo ainda e santo esse direito,
Nem é sobre esse ponto que eu insisto ;

Mas não querer que a gente ao menos possa
Ennamorar-se da belleza vossa...
Perdão, senhora, não concordo nisto.



O REDIVIVO

Poeta, dormia pallido
No meu sepulchro bem só;
Tu disseste:—Ergue-te, Lazaro!
E o morto surgiu do pó!

C. DE ABREU.

Minha crença de moço se esgotava
Já ia desta vida me esquecendo ;
Meu coração de amor já não pulsava,
O triste... a pouco e pouco ia morrendo.

Era cedo, talvez minha senhora...
Estavam meus destinos incompletos :
— Sinto ainda essa chamma que devora...
— Inda reluzem meus cabellos pretos.

Mas, todavia, fostes indiscreta,
Pois não tivestes dó, nem compaixão...
De interromper o somno do poeta,
De acordar-lhe no peito o coração.

Quizera antes jazer adormecido
Sob esse leito em que termina a dôr,
Porém vós, qual Messias prometido,
Destes a vida ao Lazaro do amor.

Obrigado mil vezes, si é que devo
Agradecer o bem que me fizestes ;
Não sei o que presinto, nem me atrevo
A pensar no futuro que me destes.

Amar-vos-ei e muito ! Não sabeis
Dos poetas o amor quanto é sublime !
Mas, si acaso illudir-me pretendeis...
Resuscitar o morto fóra um crime.

Antes nunca eu tivera despertado,
Melhor fôra dormir eternamente ;
A ter de ser por vós ludibriado
Eu preferira a morte certamente.

E pois, minha senhora, eu vos conjuro,
Meditae, vêde bem o que fazeis ;
E' de vós que depende o meu futuro,
Espero que me não atraigoeis.

Quizestes reviver minha esperança,
Tornar minha existencia mais fagueira :
— Sêde bem vinda, ó pomba da alliança,
Que me trazeis o ramo de oliveira !



NA WALSA

A' J. C. DE ALMEIDA GOMES

Como a conchinha voga e se balança
A' flôr de um lago manso e crystalino...
Assim gracioso volve-se na dança
Teu corpo esbelto anemico e franzino.

E ao ver passar teu vulto peregrino,
Que vai e vem na walsa e não se cança,
Eu tristemente vejo, em teu destino,
Desfeita e murcha a flôr de uma esperança.

E' que não sabes, nessa tenra idade,
Quantos perigos corre a mocidadê,
Nesse fatal e louco desatino.

Eu sei porque receio, a cada passo,
Que desfaleça ou morra de cansaço
Teu corpo esbelto, anemico e franzino.



PREVIDENCIA

Quem ler este meu livro no futuro
Dirá que só vivi sonhando amores,
Outros muitos, meu Deus, eu conjecturo,
Dirão, talvez, de mim feios horrores.

Mas devem se lembrar primeiramente
Que fiz os meus alegres madrigaes
Na flôr da mocidade, quando a gente
Sonha chymeras só e nada mais.

Não fallo aos homens gastos, ignorantes,
Aos velhos imbecis e ralhadores :
— Cedo a palavra aos jovens e aos amantes,—
Leia-me só quem tenha tido amores.



TARDES DE SETEMBRO

Eu gosto deste ceu enfumaçado,
Quando o sol vai morrendo atraz da serra
Das tardes deste mez, deste ar pesado,
Que faz lembrar o clima de Inglaterra.

De fitar o astro-rei, por excellencia,
Fulgurando atravez da cerração:
Como um globo de luz que a Providencia
Tem suspenso no meio da amplidão.

De ver brilhar, por entre o nevoeiro,
A estrella vespertina em céu de rosas :
E a brisa a sacudir do pecegueiro
Uma chuva de pétalas mimosas.

Despede o rosmaninho doce aroma,
Ostenta a natureza mil primores,
Do verde laranjal floresce a coma,
Ha fructos no pomar, no jardim flôres.

Quem, ao ver taes bellezas, não dissera
Um paraiso, um eden de harmonia,
Onde, em lucta constante, a primavera
Disputa com o outomno a primasia ?!

Adejam pelo espaço as andorinhas
Numa altura remota e desmedida ;
Modulam junto á noite, as avesinhas
Uma alegre canção por despedida.

E' a hora em que vão as jardineiras
Contentes ao vergel aguar as flôres ;
Em que voltam da fonte as lavandeiras,
E regressam do campo os lavradores.

E, quando a tarde expira e a noite é perto,
A lua rompe a custo entre a neblina,
Derramando nas plagas do deserto
Uma luz melancolica e divina.

Distante de meu lar, na mocidade,
Chorei muito uma vez,— inda me lembro!—
Ao recordar-me, cheio de saudade,
Das poeticas tardes de setembro.

Pois eu gosto do céu enfumaçado,
Quando o sol vai morrendo atraz da serra,
Das tardes deste mez, deste ar pesado,
Que faz lembrar o clima de Inglaterra.



VACILLAÇÃO

Não sabeis não! nem eu venho dizer-vos
O que por vós esta alma sofre e sente!
Não sabeis não, nem venho descrever-vos
O que se passa em mim intimamente.

E' bem penosa a minha alternativa!
— Si eu vos dicesse qual meu sofrimento...
Eu sei quanto sois boa e compassiva,
Terieis dó, talvez do meu tormento.

Mas, eu, senhora, eu nunca me animara
A vos pintar a dôr que me consome:
Eu sei quanta distancia nos separa,
— Não sou fidalgo e nunca tive um nome.

A historia diz que Tasso, o legendario,
Poeta sem brazões de alta nobresa,
Foi reputado um louco, um temerario,
Por ter querido amar uma princeza.

Assim, minha senhora, eu tenho medo
De commetter igual indiscripção;
Não vos direi, portanto, o meu segredo,
Não quero expor-me á vossa exprobação.



O ACTOR

DEDICADO AO GALVÃO, NA NOITE DE SEU BENEFICIO

O actor é semelhante ao estatuário
Que um pedaço de marmore tomou;
E delle faz surgir, com mão athletica
O sonho seu tal qual imaginou.

Crusa os braços depois, contempla estactico
E jubiloso a propria criação;
O mundo applaude seu talento homerico.
Bate palmas ao Genio a multidão,

Assim o actor que assoma no proscenio,
— Interprete fiel de um pensador—
Desperta sentimentos no auditorio
De risos, de prazer, de magua e dôr.



DESILLUSÃO

Emquanto eu te supuz fiel amiga,
Matei por ti a minha humanidade,
Amei-te muito e muito, Deus que o diga,
Deus que nos via lá da Eternidade.

Vivia est'alma sem tranquilidade,
Mas hoje, muito embora o não consiga,
Hei de abafar a dôr desta saudade
Que o coração ainda me fustiga.

Nem te lembres de mim. Guarda sómente
Recordações daquelle amor ardente,
Que em dia de máu fado te jurei;

Eu... vou riscar teu nome da memoria,
E do livro infeliz de nossa historia
A pagina sinistra arrancarei.

João Vicente de Aguiar.



TIRADENTES

Morreu tyrannamente o heróe preclaro,
Que quiz a redempção de um povo inteiro...
Elle, que foi da patria um filho caro,
Da liberdade o sonhador primeiro.

Seja maldita a geração de outr'ora,
Que decretou-lhe a barbara sentença!
E cumpre ao menos que a Nação, agora,
Lave essa nodoa de vergonha immensa!